

DOCUMENTO DE APRESENTAÇÃO

Introdução

Este documento destina-se à avaliação externa do AEA no triénio de 2011/12 a 2013/14. A informação nele utilizado é retirada de documentos orientadores e atas dos diferentes órgãos e estruturas.

Há a registar que no primeiro ano deste triénio as UO ainda se encontravam separadas e portanto, em alguns aspetos é difícil fazer comparações ou registar evoluções visto que os contextos e formas de organização eram bastante diferentes.

Dada atualidade do nosso PEA, dispensamo-nos de fazer uma contextualização mais detalhada neste documento. Não poderíamos deixar de referir que nestes três anos não houve uma real possibilidade de continuidade de trabalho pois tivemos de ultrapassar as questões decorrentes da agregação e a instabilidade do corpo docente com implicações na continuidade das equipas pedagógicas.

Por uma questão de facilidade utilizaremos ao longo várias siglas que discriminamos no *anexo1*.

1. Resultados

1.1. Resultados Académicos

A análise dos resultados escolares dos seus alunos tem sido uma preocupação constante deste AEA, desde a sua criação. A EAA produz relatórios trimestrais com os dados que são analisados e discutidos em CP, resultando num conjunto de recomendações para a redefinição de estratégias, de modo a melhorar o trabalho realizado em sala de aula, visando assim uma cultura de adequação dos processos de ensino-aprendizagem e de mobilização de esforços e de recursos para a sua consecução.

Analisando os resultados internos, podemos constatar que apesar de haver uma tendência de evolução positiva, na maioria dos anos de escolaridade, essa propensão de melhoria não está ainda perfeitamente consolidada, apesar das medidas implementadas e recursos alocados.

A recente reflexão produzida em torno da elaboração do PEA do AEA, deixou claramente transparecer a preocupação com os resultados académicos dos nossos alunos e tal pode constatar-se no enunciado do *Objetivo Estratégico 1*. Deste decorrem vários objetivos operacionais, para os quais se definiram metas exequíveis e que espelham a nossa ambição para o próximo triénio.

A partir da análise do gráfico da evolução da taxa de sucesso (*anexo2*), ao nível dos resultados internos, no triénio, podemos concluir que no 1º ciclo os resultados se mantêm bons, tal como já tinha sido reconhecido na avaliação externa de 2010. Há a registar uma ligeira descida na taxa de sucesso obtida no 2º ano, o que fica a dever-se ao facto de um número significativo de alunos não ter adquirido os conhecimentos e capacidades previstas para o 1º ano e ter continuado no 2º ano a trabalhar essas competências. Da nossa análise, consideramos ainda que esta descida se ficou também a dever ao impacto da introdução dos testes intermédios que veio criar um patamar de exigência, em torno do qual os docentes começaram a orientar a sua ação.

Os resultados do 4º ano, ainda que muito bons e com tendência de subida, só neste último ano conseguiram ultrapassar as médias nacionais, o que fica em parte a dever-se à introdução das provas finais, às quais se associou um maior nível de exigência, que já começou a dar os seus frutos.

Quanto ao 2º ciclo, as taxas de sucesso no 5º ano são tendencialmente superiores à média nacional, neste último triénio. São resultados muito satisfatórios face ao ponto de partida no diagnóstico inicial. Com efeito, a quebra de continuidade da frequência dos alunos no AEA, que se verifica na transição do 4º para o 5º ano (apenas pouco mais de um terço se mantém), faz com que o início do 2º ciclo seja sempre um recomeçar, não colhendo o AEA os frutos diretos do trabalho e investimento realizado com os alunos do 1º ciclo.

Apesar desta dificuldade, ao nível deste ano de escolaridade os resultados têm superado a média nacional, com exceção do ano 2012/13, em que se verificou uma ligeira descida nas taxas de transição. Se repararmos, esse mesmo conjunto de alunos também foi responsável por uma involução que se sentiu nos resultados do 6º ano, no ano seguinte. Com efeito, no ano passado quebrou-se uma evolução muito positiva que se vinha constatando nos resultados do 6º ano, onde no ano 2012/13 já tínhamos praticamente igualado a média nacional.

Esta melhoria ficou a dever-se às medidas implementadas para promover o sucesso, nomeadamente a criação de grupos de homogeneidade relativa (ninhos), na totalidade da carga horária de Português e de Matemática e à qual, no ano passado, não conseguimos dar continuidade devido à redução do crédito horário, donde os resultados obtidos baixaram.

Desde a avaliação externa de 2010 que os resultados do 3º ciclo se apresentam como um problema ao qual o AEA tem tentado, de acordo com os recursos de que dispõe, encontrar soluções e adotar medidas para aumentar o sucesso escolar.

Neste ciclo de ensino, o 7º ano é o ano em que as taxas de sucesso são mais baixas. O ano 2011/12 foi particularmente preocupante, em ambas as UO e no final do ano tivemos um elevado número de alunos em situação de retenção.

Em consequência da reflexão produzida e dado existir crédito horário disponível implementaram-se medidas idênticas às do 6º ano (ninhos). Mais uma vez esta medida deu bons resultados, como se pode testemunhar na subida das taxas de transição verificada em 2012/13. Consciente que muito precisava de continuar a ser feito ao nível deste ano de escolaridade, o AEA delineou um projeto de intervenção, que visava melhorar os resultados académicos e os resultados sociais dos alunos. Aproveitando uma oportunidade, candidatou-se ao Programa EMA e viu o seu projeto reconhecido com um financiamento que foi gasto com formação de professores e de alunos do 7º ano, em mediação e gestão de conflitos.

No 8º ano tem havido uma evolução muito positiva.

No 9º ano regista-se também uma evolução positiva, com exceção do último ano, onde se verificou uma ligeira inversão da tendência.

Para resolver o insucesso no 3º ciclo, o AEA candidatou-se à lecionação de C. Voc. Acabou por integrar nestas turmas alunos provenientes de outras escolas, com elevado insucesso no seu percurso anterior e muito desmotivados. Estas turmas resultaram num conjunto de alunos desinteressados, indisciplinados, pouco assíduos e crentes de que esta via de ensino lhes proporcionaria o 9º ano sem qualquer trabalho e esforço. Foi muito difícil para as equipas pedagógicas trabalhar com estes alunos, desmistificar a ideia de facilitismo e motivá-los para a aprendizagem, ainda que numa vertente muito prática. O baixo nível de sucesso alcançado (pouco mais de metade dos alunos conseguiu concluir e estar em condições de prosseguir estudos) espelha essa dificuldade!

No ES, as taxas de sucesso não têm conseguido a tão desejada e necessária melhoria. Uma das razões para este problema é o alargamento da escolaridade obrigatória, com a consequente desmotivação para os estudos por parte de muitos alunos que procura este AEA, e outra é a fraca preparação que os alunos trazem do 3º ciclo e que, desde o início do 10º ano, os impede de acompanhar de forma eficaz as matérias de várias disciplinas, nomeadamente as da formação específica. Mais de metade dos nossos alunos do 10º ano é proveniente de outras escolas. Outra razão para este insucesso no 10º ano prende-se com a inexistência de orientação vocacional em muitas escolas ou a escolhas feitas à margem desse processo de orientação.

Apesar do AEA oferecer vias de estudo alternativas, estas não se têm mostrado uma alternativa que encaminhe estes jovens para um percurso de sucesso. De facto, o perfil de alunos que opta por estas vias é muito semelhante ao já descrito para os vocacionais: desmotivados, pouco assíduos, pouco empenhados no seu sucesso e que acumulam rapidamente um elevado número de módulos por realizar. As baixas taxas de sucesso que se têm vindo a alcançar no AEA, que resultam em grande parte de elevado absentismo, seguido de desistência, traduzem a dificuldade, que o AEA ainda não conseguiu ultrapassar.

Relativamente à evolução dos resultados externos (**anexo3**) podemos constatar que relativamente ao 4º ano, os resultados obtidos nas provas finais têm evoluído de acordo com a tendência nacional, melhorando a Português e baixando em Matemática.

Quanto ao 6º ano, os resultados nos três anos têm-se mantido praticamente constantes e de acordo com a tendência nacional. No 9º ano, os resultados em Português evoluíram positivamente nos últimos dois anos, superando largamente a média nacional, enquanto na Matemática, embora tenham melhorado, ainda se mantêm aquém da média nacional para esta disciplina.

No ES, há a referir que na disciplina de Português embora se tenha registado uma média positiva em 2014, esta mantém-se inferior à média nacional. Nas disciplinas trienais constata-se uma descida gradual em MatA e HistA, com valores abaixo da média nacional. Em DesA registou-se uma melhoria em 2014, tendo superado a média nacional. Nas disciplinas bienais, referimo-nos apenas às que são frequentadas por um maior número de alunos: FQA e BG. Apesar de terem registado uma melhoria no último ano, ainda se mantêm abaixo da média nacional.

De salientar que em 2013, o AEA foi contemplado com 30 horas de crédito horário, na componente de eficácia educativa (EFI).

Quanto à qualidade do sucesso regista-se uma elevada percentagem de alunos que transita sem qualquer menção ou nível negativo. Já no 3º ciclo e 10º e 11º ano mais de metade dos alunos transita com, pelo menos, um nível negativo. Nos C. Prof é de assinalar o elevado número de alunos que transita para o 2º ano com módulos em atraso.

As taxas de abandono e desistência são pouco significativas, com exceção dos C. Prof, devido à idade e à necessidade de ingressar na vida ativa.

1.2. Resultados Sociais

Progressivamente, temos vindo a sentir dificuldade em mobilizar os alunos para uma intervenção mais ativa no AEA. O desaparecimento de clubes, devido à aposentação dos docentes que possuíam componente não letiva para os dinamizarem, bem como a ausência

de espaços no currículo potenciadores deste tipo de intervenção (Área de Projeto e Formação Cívica), têm contribuído para esta situação. Só pontualmente se conseguem algumas intervenções, devido a projetos em que o AEA se envolve ou na Educação para a Cidadania, oferta complementar no EB.

Também ao nível das candidaturas à Associação de Estudantes, a Direção tem trabalhado no sentido de sensibilizar os alunos para a necessidade de apresentarem projetos de intervenção coesos e que abarquem diversas áreas de intervenção para além das lúdicas, como torneios desportivos e festas temáticas. Esse trabalho tem dado frutos e é de destacar a boa ação por eles realizada no apoio à manutenção de um clima adequado e de civismo na escola. De salientar também o apadrinhamento de alunos mais novos pelos mais velhos e participação destes na receção aos alunos das outras escolas do AEA, nos respetivos dias da escola.

Decorrente dos PEA anteriores e considerado como prioridade estratégica de ação nos dois primeiros anos de funcionamento do AEA, temos o objetivo: *Promover um clima de escola favorável à aprendizagem, de respeito mútuo e de civismo.*

O AEA diagnosticou, entre outros, os seguintes problemas:

- O comportamento indisciplinado e a desmotivação de alguns alunos que, para além de comprometerem o seu sucesso, são reveladores de uma atitude que valoriza pouco os saberes.
- Situações de falta de pontualidade, falta de concentração, de autonomia e de organização na realização das tarefas solicitadas.
- Dificuldade dos pais e EE em acompanharem o percurso escolar dos seus educandos, coresponsabilizando-se pelo seu sucesso.
- Risco de abandono escolar precoce, motivado quer pelo insucesso repetido, quer pelas condições familiares e socioeconómicas adversas.

Para minimizar este tipo de problemas, foi criado, em 2012/13, o *EIAA (anexo4)*.

Complementarmente, o AEA tem implementado, desde há vários anos, um programa de tutorias, cujo plano de ação se anexa *(anexo5)*, bem como programas de intervenção específica (desenvolvimento de competências sociais), dinamizados pelo SPO, em turmas mais problemáticas.

Quanto ao cumprimento das regras e disciplina, para além destas medidas, foram também implementadas outras que visavam o desenvolvimento de aptidões/competências sociais, no âmbito do projeto EMA; a implementação da Quinzena Zero, integrada no Projeto de Intervenção do 7º ano e ainda a criação de um Manual de Procedimentos *(anexo6)*.

Na área da solidariedade, pelo impacto e abrangência junto dos alunos e famílias mais carenciadas, destaca-se a distribuição de cabazes de natal, numa iniciativa da Associação de Pais da ESPAV, à qual se juntaram muitos alunos, professores e pessoal não docente. Destaque-se também outras iniciativas de cariz solidário levadas a cabo no AEA: operação nariz vermelho e rastreio visual e pagamento de consultas e óculos pelo Lions Clube de Lisboa-Secção de Alvalade.

As Bibliotecas promovem, no final de cada ano, uma troca de manuais usados.

Existem ainda ações de solidariedade levadas a cabo por várias turmas, como consta no PAA.

1.3. Reconhecimento da comunidade

Para ajudar a melhorar o seu desempenho, o AEA recorreu à CAF e realiza periodicamente um diagnóstico organizacional que lhe permite desenvolver uma cultura de melhoria contínua. Para isso recorre à auscultação dos diferentes membros da comunidade educativa, permitindo assim perceber o seu grau de satisfação (*anexo7*) e identificar pontos fortes e oportunidades de melhoria. No primeiro diagnóstico realizado ao novo AEA, em 2012/13, os níveis de satisfação são muito positivos, se atendermos a que a nova unidade orgânica ainda se encontrava a dar os primeiros passos, e verifica-se uma predominância de pontos fortes face às oportunidades de melhoria, em todos os critérios em avaliação.

Os alunos são fortemente incentivados a melhorar os seus resultados académicos e sociais, vendo reconhecido o seu esforço, com a atribuição de prémios de Mérito e de Excelência (*anexo8*), em cerimónia, para a qual são convidadas as famílias e restantes membros da comunidade escolar

Podemos constatar que o número de alunos distinguidos aumentou de forma significativa, com exceção do 2º ciclo, neste segundo ano de existência do AEA (*anexo9*).

A constituição dos quadros de Mérito e de Excelência, em cada escola, é divulgada durante todo o ano, em local de grande visibilidade.

Para além destes momentos formais, há também um discurso informal de reconhecimento do sucesso e de incentivo à melhoria dos resultados dos alunos, levado a cabo pelo pessoal docente e não docente.

O AEA tem excelentes relações com instituições, entidades e empresas da comunidade envolvente e com serviços do Ministério da Educação. Frequentemente colabora com instituições, partilhando e disponibilizando espaços para utilização diversa, como comemorações, formação, prática desportiva, convívios. Destacam-se a Junta de Freguesia de Alvalade, Clube Desportivo-Estrelas de S. João de Brito, Agrupamento de Escuteiros 50,

Centro Paroquial e Social do Campo Grande, Direção Geral da Educação, Júri Nacional de Exames, Orientate, Instituto de Educação, Universidade Lusófona, Faculdade de Ciências. As nossas escolas têm um ambiente acolhedor e são por isso procuradas por instituições que, apesar de estarem fora da nossa área geográfica, valorizam o modo como acolhemos os jovens a seu cargo: Casa da Alameda, Santa Casa, Casa da Luz.

2. Prestação do serviço educativo

2.1. Planeamento e articulação

É preocupação assumida a necessidade de criar mecanismos que permitam um trabalho colaborativo eficaz e profícuo entre docentes, pela criação de equipas pedagógicas por ano de escolaridade e providenciando tempos semanais nos horários dos professores para o efeito. Para além de permitir a articulação contínua das práticas, permitiu o desenvolvimento de um Plano de Articulação Curricular (*anexo10*), que se desenvolve em paralelo com o PCA que suporta a visão pedagógica das escolas.

O PCA do AEA estabelece o referencial de unidade para as práticas curriculares a desenvolver na escola e torna-se, por essa via, num instrumento destinado a dar coerência à atuação conjunta dos docentes. A vontade expressa no PEA relativamente à implementação de estratégias conducentes à melhoria dos resultados escolares, académicos e sociais, conduz a opções curriculares que se traduzem num reforço de recursos e ações concertadas, ao nível de disciplinas estruturantes como o Português e a Matemática, não descurando as outras assim como a oferta de espaços no horário para o desenvolvimento de projetos, reforço disciplinar, apoio para a superação de dificuldades e para orientação no estudo.

A coerência entre as práticas de ensino e a respetiva avaliação é monitorizada pelo CP que estabelece os critérios gerais de avaliação que servem de base ao trabalho dos grupos disciplinares ao nível dos critérios específicos. Estes devem ser coerentes com as estratégias definidas no respetivo departamento curricular que, por sua vez, incorporam o definido no PEA do AEA.

2.2. Práticas de ensino

Um trabalho em sala de aula que seja promotor de aprendizagens envolve um professor dinâmico, com uma prática sustentada, coerente e articulada com os seus pares e um aluno ativo, confiante na orientação dada pelo professor. Neste sentido, o AEA pauta a sua atuação na promoção de iniciativas/desenvolvimentos de projetos destinadas a professores e a alunos, assim como a outros agentes da comunidade escolar que se constituem como

estrutura de suporte a um clima de escola favorável à aprendizagem e desenvolvimento global dos nossos alunos.

No âmbito de desenvolvimento de projetos, valorizou-se a formação em contexto de sala de aula para professores de Português e Matemática do EB (Projeto “Estímulo à melhoria das aprendizagens” financiado pela FCG) e a formação dos elementos da equipa de Educação Especial (Projeto “Conhecer para diferenciar, agir para incluir” financiado pela FCG) (*anexo11 e anexo12*).

Considerou-se que o 7º ano é aquele que evidencia mais dificuldades ao nível académico e social pelo que se desenvolveram ações específicas como sessões de formação sobre mediação de conflitos e, no presente ano, são objeto de um projeto de intervenção específico (*anexo13*).

Ao nível do trabalho em sala de aula procura-se uma atuação coerente e consistente com as orientações explícitas nos documentos estruturantes do AEA. Existe um trabalho de proximidade vertical entre estruturas (Direção, departamentos, disciplinas) de modo a monitorizar o processo de ensino-aprendizagem de todos os alunos. Com o objetivo de se estabelecer um trabalho articulado ao nível de sala de aula, foi criado o Plano de Trabalho de Turma que permite garantir um espaço de discussão, análise e registo do trabalho a desenvolver/desenvolvido com os alunos.

As medidas de apoio ao trabalho de professores e alunos envolve a metodologia de “ninhos” a Português e Matemática para o EB, o apoio ao estudo no 3º ciclo, à semelhança do que já ocorre no 2º ciclo e o apoio disciplinar acrescido às disciplinas em ano de exame. No final do ano letivo o AEA organiza um horário de trabalho para professores e alunos, o “Estágio de exame” (*anexo14 e anexo15*).

Para que se potencie a diversificação de estratégias, o AEA promove o uso da tecnologia em sala de aula (moodle, wikispaces, simulações experimentais, outros). De modo a apoiar os professores, são promovidas sessões de formação no âmbito do uso educativo das TIC.

A prática da supervisão pedagógica em contexto de sala de aula está prevista no PEA e no Plano de Ação de Melhoria “Melhoria das estratégias e dinâmicas de sala de aula”. Os resultados da aplicação do inquérito a alunos e professores, no âmbito da implementação do Observatório de Ensino-Aprendizagem, constituirão uma orientação para o desenvolvimento de medidas/estratégias nas áreas a intervir.

No presente ano letivo já se prevê a observação de aulas por pares a algumas disciplinas, nomeadamente História e Geografia de Portugal e Ciências Físico-Químicas (*anexo16*).

2.3. Monitorização e avaliação do ensino e das aprendizagens

A prestação do serviço educativo no AEA assenta em pressupostos que envolvem a reflexão contínua sobre as práticas, a partilha e colaboração entre pares e a avaliação/monitorização/orientação pelas diferentes estruturas pedagógicas.

Na construção dos critérios gerais de avaliação foi preocupação a orientação dos professores no sentido da diversificação das formas de avaliação, dando resposta à heterogeneidade dos alunos, às suas características/estilos de aprendizagem e à natureza das estratégias de sala de aula.

É prática no AEA a explicitação dos critérios de avaliação aos alunos e a promoção da sua autoavaliação como parte integrante do seu processo de aprendizagem.

No desenvolvimento da prática letiva, a monitorização da implementação do currículo é gerida pelos Conselhos de Turma/Docentes, articulados com os respetivos grupos disciplinares. Existem espaços para análise e discussão da evolução do desempenho dos alunos (espaço semanal do horário, reuniões intercalares) de modo a monitorizar resultados e despistar situações conducentes a processos de referenciação, procurando-se, deste modo, que o sucesso seja possível para todos.

Em consonância com as atividades de apoio, e por se considerar o desenvolvimento integral dos alunos, existe uma estrutura de apoio (EMD) que procura apoiar alunos e professores relativamente a dificuldades de integração ou situações de indisciplina no espaço escolar. As tutorias são uma prática corrente no AEA e a monitorização de casos de potencial abandono/absentismo é uma constante (*anexo17*).

3. Liderança e gestão

3.1. Liderança

A criação recente do AEA permitiu uma reflexão e discussão em torno de questões estruturantes que se tornam fundamentais na elaboração dos documentos orientadores, fazendo sentir a cada um dos elementos da comunidade educativa que participaram neste processo, a sua importância para a definição da identidade e da estratégia da nova unidade orgânica.

Estes documentos produzidos ao longo do ano letivo transato, foram apresentados e explicados detalhadamente aos diferentes elementos da comunidade educativa, com vista a facilitar a sua apropriação, envolvimento e compromisso face ao que os mesmos preconizam.

Com efeito, o diagnóstico realizado aquando da criação do AEA exige a definição de caminhos e estratégias que, só numa lógica colaborativa, de implicação e envolvimento de todos e de cada um, nos poderão conduzir à melhoria.

Neste sentido, as lideranças intermédias são imprescindíveis e incentivadas a assumir um papel mais ativo na condução do trabalho, no seio das respetivas estruturas. Para reforçar a sua legitimidade, no caso dos Coordenadores de Departamento, foi elaborado um *Plano de Operacionalização (anexo18)*, reforçando as competências de cada um dos envolvidos e clarificando o seu âmbito de intervenção, numa lógica de funcionamento e responsabilização “vertical”.

Sempre movida pela necessidade de melhoria do serviço educativo, a Direção tem apresentado candidaturas a projetos e estabelecido parcerias, procurando obter verbas que viabilizem a formação e o desenvolvimento profissional dos seus colaboradores e estreitar relações com instituições do ensino superior, procurando aí recolher know-how que permita ao AEA reorganizar-se, renovar e adequar práticas de trabalho na sala de aula e harmonizar e melhorar procedimentos.

A apropriação da metodologia do Projeto Fénix, implementado nas turmas de 6º, 7º e 9º ano, nas disciplinas de Português e Matemática, tem também permitido desenvolver uma ação mais personalizada junto dos alunos, face às suas dificuldades e expectativas, potenciando assim uma real e efetiva diferenciação pedagógica.

A motivação das pessoas tem sido uma tarefa cada vez mais difícil devidos aos tempos de crise em que vivemos, a um grande desencanto que vai tomando conta dos trabalhadores na área da educação e pela dificuldade crescente em lidar com uma população discente também cada vez mais desmotivada e pouco recetiva ao modelo de escola em que a grande maioria dos adultos ainda se revê. A Direção tenta contrariar este problema, promovendo algumas reuniões gerais ao longo do ano, quer para apresentar documentos estruturantes e clarificar linhas de ação estratégica e recursos disponibilizados, quer para apresentar os resultados da Autoavaliação e os PAM daí decorrentes. Pretende-se assim através da disponibilização de informação detalhada e contextualizada, clarificando o papel de cada um e apelando à sua mobilização individual e coletiva, despertar em cada um o gosto, a vontade e a disponibilidade para contribuir para o cumprimento da missão do AEA. A estes momentos seguem-se outros de convívio informal, que promovem a aproximação entre as pessoas, facilitadora de partilha de experiências e da identidade que se quer para o AEA. Outro exemplo, é a intenção de realização de um Seminário de partilha e disseminação de boas práticas, no final de cada ano letivo.

A Direção procura sempre utilizar, da forma mais eficaz e adequada possível, os recursos disponíveis: humanos, financeiros, físicos e pedagógicos.

A Direção trabalha em parceria com as APEE na oferta de AEC, CAF e AAAF.

3.2. Gestão

A Direção tem desde o primeiro momento pautado a sua ação por uma preocupação com as questões de natureza pedagógica e de eficácia do serviço prestado.

Assim, a sua ação tem visado elevar o padrão de desempenho dos agentes educativos, utilizar os recursos de forma eficiente e eficaz face aos objetivos traçados, promover um clima de escola favorável à aprendizagem, de respeito mútuo e de civismo, exercer uma gestão corrente adequada e prestar contas aos órgãos internos e às diferentes entidades que superintendem a sua ação.

Da ação desenvolvida pelos elementos que constituem a Direção e respetivas assessorias destacam-se as ações conducentes à melhoria das condições de trabalho nas escolas, a gestão diária dos recursos humanos e gestão de conflitos, a ação disciplinar sobre os alunos, a gestão do crédito horário em função da promoção do sucesso educativo dos alunos, o incentivo e a viabilização de condições para uma utilização cada vez maior de ferramentas digitais (mail institucional, livro de ponto digital, programa de gestão de alunos, plataforma Moodle, Kiosk), melhoria e agilização dos canais de comunicação, implementação de um programa de formação e desenvolvimento profissional dos docentes e não docentes.

Relativamente a esta última ação, destaque-se o facto de a Direção ter disponibilizado a todos os seus docentes a possibilidade de realizarem formação, gratuita, em gestão de conflitos, estudo de aula - Matemática, Português - aplicação das metas curriculares (em contexto de sala de aula), supervisão pedagógica do trabalho docente e em Informática do ponto de vista do utilizador.

A constituição dos grupos e das turmas é feita de acordo com critérios explicitados no RI e complementados no PCA. São constituídas equipas que analisam cuidadosamente a situação de cada aluno, recolhem informação crítica e tratam-na, de maneira a cumprirem os critérios previamente estabelecidos. Os critérios para a elaboração de horários e para a distribuição de serviço também se encontram estabelecidos nestes dois documentos orientadores. Para a elaboração dos horários são tidas em conta as orientações definidas na lei, e tenta-se sempre ocupar o mais possível a mancha horária da manhã, garantindo a política de uma turma, uma sala, para o maior número possível de turmas, em cada uma das escolas.

Quanto à distribuição de serviço, é um trabalho muito metucioso feito pela Diretora, sempre no estreito cumprimento do superiormente estipulado, aliando perfis e competências às componentes letivas de cada um. As alterações legislativas mais recentes

e a instabilidade na colocação dos docentes têm causado uma dificuldade acrescida, porém nunca se perdeu de vista a continuidade pedagógica (se aconselhável) e a constituição de equipas pedagógicas.

Ao nível da comunicação interna destaca-se o mail institucional, com listas de distribuição pré-definidas. É também este o meio preferencial de comunicação dos DT com uma percentagem significativa de EE. O hábito de comunicação por esta via já faz parte da cultura do AEA e tem-se revelado um meio muito célere e eficaz, nomeadamente para fazer face às distâncias físicas entre as diferentes escolas. Outra forma de partilha de informação também muito usada é o Moodle e o OneDrive.

Relativamente à comunicação externa, o meio por excelência é o Portal do AEA, onde se procura ter informação atualizada e representativa do trabalho realizado.

À comunicação é atribuída tal importância no AEA, que tem sido alvo de ações de melhoria nos dois últimos ciclos avaliativos.

3.3. Autoavaliação e melhoria

A leitura atenta dos nossos diagnósticos organizacionais e respetivos planos de ação de melhoria mostram grande coerência. Com efeito, os problemas diagnosticados são priorizados e para aqueles a quem é atribuída maior prioridade é traçado um plano contendo várias ações de melhoria. Essas ações são implementadas e monitorizadas por um grupo operacional e são alvo de avaliação no ciclo seguinte. Em 2010, na ESPAV, aquando da avaliação externa, procedeu-se também a um diagnóstico organizacional interno, que vieram a mostrar-se em grande consonância. Esses resultados foram utilizados no PAM de 2011.

A comunidade educativa participa no processo de autoavaliação respondendo a inquéritos. Essa participação é satisfatória, contudo faz parte do nosso planeamento aumentar esses níveis de participação. A comunidade tem acesso aos documentos produzidos e é feita uma sessão pública de apresentação de resultados para pessoal docente e não docente.

A autoavaliação do AEA já faz parte da nossa cultura e os resultados por ela gerados estão perfeitamente vertidos nos documentos orientadores.